

Dia Mundial dos Trabalhadores Humanitários

» JOHN HOLMES

Subsecretário-geral das Nações Unidas para Assuntos Humanitários e coordenador de Assistência Emergencial da ONU

Direitos Humanos
016
Reportagem 0115



Comemora-se em 19 de agosto o primeiro Dia Mundial dos Trabalhadores Humanitários, uma oportunidade para que possamos refletir sobre o ideal de ajudar todos aqueles que precisam, não importa a nacionalidade, raça, religião ou posicionamento político. É uma conquista notável saber que quando, uma crise irrompe, podemos ter certeza de que os trabalhadores de ajuda humanitária entrarão em cena em questão de horas.

Mas, apesar de que todos concordam sobre a importância da ação humanitária, esses homens e mulheres de coragem, que sentem que seu dever é ajudar as pessoas e dar esperança a milhões, são, cada vez mais, alvos de violência. Isso tem graves implicações sobre nosso trabalho e sobre a sobrevivência dos que confiam em nós.

Infelizmente, a necessidade de ajuda humanitária continua crescendo. Ao longo dos anos, as causas de sofrimento humano se multiplicaram tão rápido quanto os trabalhadores humanitários encontraram formas de combatê-las.

Ainda que o número de conflitos tenha diminuído nos últimos 20 anos, suas consequências continuam assustadoramente danosas. Além disso, os conflitos internos que vemos com tanta frequência nos dias de hoje são particularmente prejudiciais para as vidas e os modos de vida de civis.

As situações do Sri Lanka e do Paquistão, no primeiro semestre deste ano, pressionaram nosso sistema de ajuda humanitária até o limite. Estima-se que 2 milhões de pessoas tenham sido desalojadas no Paquistão em poucos meses, o mais rápido desalojamento de pessoas que temos notícia e, com certeza, o maior da história paquistanesa. No Sri Lanka, enquanto as armas finalmente se calaram, quase 300 mil pessoas ainda estão em campos de refugiados, com pouca ou nenhuma liberdade de ir e vir, esperando ansiosamente a chance de voltarem às suas casas e dependentes de ajuda para sobreviver.

Enquanto isso, conflitos de longa data, como os em Darfur, na República Democrática do Congo, nos territórios palestinos ocupados e na Somália continuam a afetar milhões. A operação humanitária em Darfur — que completa cinco anos e é a maior do mundo — se esforça para oferecer ajuda aos 4,75 milhões de civis afetados. Na Somália, 750 mil pessoas, um aumento de quase 50% em relação ao ano passado,

precisam desesperadamente de ajuda.

Ameaças naturais — cuja ferocidade e frequência aumentaram devido à mudança climática — têm consequências horríveis para muitas das pessoas mais pobres, especialmente na Ásia. Ano passado em Mianmar, o ciclone Nargis matou 140 mil pessoas, e deixou 2 milhões precisando de ajuda. Na América Central, a temporada anual de furacões deixa cada vez mais países pobres devastados. São as pessoas mais pobres dos países

mais pobres as que mais sofrem.

Acrescente-se a essa mistura as novas ameaças apresentadas pela pobreza crônica, as crises alimentar e financeira, a escassez de água e energia, a migração, o crescimento populacional, a urbanização e as pandemias — e entendemos por que a ajuda humanitária tem crescido de um modo nunca previsto.

Trabalhadores humanitários estão acostumados a superar dificuldades climáticas, geográficas, logísticas e de infraestrutura para levar assistência a pessoas em alguns dos lugares mais remotos do mundo. A velocidade e a previsibilidade com que a ajuda pode chegar às pessoas hoje — o que ficou provado no Paquistão — é uma prova do trabalho notável feito por eles.

Intencionalmente ou por acidente, quando a entrega da ajuda humanitária é restringida, perdem-se vidas e a miséria é prolongada sem necessidade. Entretanto, o que mais me entristece e me deixa chocado é o crescimento dos ataques a trabalhadores humanitários. Apesar de conhecerem as dificuldades e os perigos do seu trabalho — o risco de se encontrar em situações inesperadas, ou estar no lugar errado na hora errada — os ataques a eles estão aumentando.

Temos sido cada vez mais atacados tanto pelo que temos — como em Darfur ou no Chade, onde o banditismo é frequente e não é punido — ou, o que é pior, pelo que somos, que é o caso da Somália, Afeganistão e Paquistão. Os últimos dois anos foram os que mais tiveram trabalhadores humanitários mortos, e as bandeiras e símbolos da ONU ou de ONGs estão sendo vistos frequentemente não como proteção, mas como provocação.

Em 19 de agosto de 2003, funcionários da ONU em Bagdá sofreram ataque de um caminhão-bomba. Vinte e duas pessoas perderam as vidas. Entre eles estava Sérgio Vieira de Melo, um trabalhador humanitário que dedicou sua vida a salvar vidas e a reduzir o sofrimento em alguns dos lugares mais difíceis do mundo.

Por isso, nesse primeiro Dia Mundial dos Trabalhadores Humanitários, enquanto celebramos tudo que conquistamos, lembremos também dos enormes desafios à nossa frente. Façamos mais para garantir que os princípios básicos do trabalho humanitário, como independência, imparcialidade e neutralidade, sejam respeitados. Ajamos para manter os trabalhadores humanitários em segurança.